

**IDENTIDADE E FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS DE LETRAS:
A CONTRIBUIÇÃO DE STUART HALL**

Juliana da Silva Passos, UFPR

RESUMO

O presente texto tem como proposta abordar a (não) formação de uma identidade profissional no interior do curso de Letras, através de processos de identificação ou não com a carreira docente. Para tanto, são valiosas as contribuições de Stuart Hall no que concerne à identidade, representação social e identificação.

PALAVRAS-CHAVE: Stuart Hall; identidade; representação.

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (HALL, 2005, p. 13)

Para os diversos contextos sociais nos quais estamos permanentemente inseridos, temos identidades diversas. Uma dessas identidades possíveis, e que não está necessariamente em consonância com as outras, é a identidade profissional, sendo o espaço de formação desses profissionais um espaço privilegiado para a construção desta identificação. O curso de Letras não se constitui apenas como um espaço de aquisição de conhecimentos práticos e objetivos para o exercício da carreira docente, mas também é o espaço de identificação (ou não) com a profissão e com as diferentes perspectivas, crenças e saberes que orientarão na prática posterior do profissional em formação e de embate entre as diferentes identidades presentes no sujeito. A identificação com a profissão é fundamental para que o professor, identificando-se como tal, possa também comprometer-se, assumir posições e atuar politicamente a partir de perspectivas conscientemente assumidas.

Após anos de crença no determinismo biológico, de um cientificismo extremo que buscava causas naturais para todo o tipo de comportamento humano e buscava mapeá-lo de acordo com características genéticas biologicamente herdadas, hoje compartilhamos do consenso quase unânime da ação da determinação cultural em detrimento de heranças biológicas. Stuart Hall desconstrói a noção de determinismo biológico em especial ao que concerne “as raças humanas”, que são definidas como

construtos discursivos. Isto porque, muito embora Hall assuma que exista uma “realidade” externa à linguagem, tudo que nos é acessível são os discursos¹.

O discurso cultural em detrimento do determinismo biológico é hoje quase unânime, pois é consenso que existem necessidades básicas que são entendidas como inerentes a todo e qualquer ser humano, independentemente de a qual cultura pertença, porém existem divergências em relação ao que seja uma necessidade básica, fundamental, e o que seja supérfluo, o que pode ser suprimido dependendo do contexto cultural analisado. A alimentação, o sono e a reprodução, por exemplo, são algumas das mais óbvias necessidades básicas inerentes à humanidade, definidas biologicamente, mas *como* se realizarão tais necessidades dentro de cada sociedade é extremamente variável, e isto será parte da nossa identidade.

A identidade é formada por desde os fatores mais simples como a maneira como nos alimentamos, até as mais complexas relações de como nos percebemos no mundo e como percebemos os outros. Tudo isto nos é legado ou construído ao longo da vida, nos diferentes sistemas culturais com os quais nos relacionamos de alguma maneira. Família, amigos, educação formal e mídia são apenas alguns destes sistemas culturais que determinarão aquilo que somos. Porém é ingênuo, muito embora comum, acreditar que a soma de nossas experiências na relação com cada um destes sistemas culturais resultará em uma identidade una, coesa e perfeitamente coerente.

Com cada um destes sistemas culturais dos quais fazemos parte ou pelos quais somos interpelados desenvolveremos uma relação diversa e seremos moldados dentro destas relações. Cada um destes sistemas culturais tem códigos próprios e valores específicos que nem sempre são compatíveis e portanto, interagimos de maneiras diferentes, e até mesmo contraditórias, dentro de cada um destes sistemas. Mais do que adequação, desenvolvemos identidades distintas, que são acionadas de acordo com os contextos. Estas identidades podem ser, inclusive, contraditórias e em diferentes momentos terão maior ou menor peso, interagindo entre si e se deslocando de acordo com estas interações internas e com as constantes relações que se estabelecem dentro dos mais diversos sistemas culturais que nos cercam.

Os processos de identificação estão entre as principais relações que se estabelecem dentro destes sistemas culturais e determinam a formação destas identidades. Um exemplo muito claro de como isto se processa pode ser percebido pela recepção das representações apresentadas pela mídia. A televisão veicula os mais diversos padrões de comportamento: comportamento sexual, moda, linguagem, padrões

1 “Mudei minha noção de representação. Acho que o modelo de codificação/decodificação está fundado em uma noção um tanto não-problemática de que existe algo separado e fora do discurso. Suponho que penso assim, ainda, mas não tenho a menor capacidade de dizer onde isso está. E acho que sei porque não posso fazê-lo, pois na medida em que somente podemos conhecer o real através da linguagem, através da conceitualização, como eu seria capaz de contar a você onde isso estaria?” (HALL, 2006: 337)

de beleza, etc. Tais posturas são popularizadas ou não através de processos de identificação – os jovens procuram incorporar os padrões que são ditados para os jovens porque se identificam com eles entre si; incorporam cortes de cabelo e peças do vestuário por conta da identificação com os artistas que admiram. Diferentes comportamentos são valorizados ou diminuídos e de acordo com a relação que estabelecemos com a mídia, incorporaremos ou não tais comportamentos, ou tentaremos nos adequar ou não aos padrões impostos. Tudo isto é determinante em como nos percebemos e o que esperamos de nós mesmos, assim como na maneira como percebemos os outros e o que esperamos deles. Este é um exemplo óbvio, e, por isso mesmo, ilustrativo. Porém este processo de identificação ocorre nos mais diversos sistemas culturais.

As representações, tanto positivas quanto negativas, e a valorização de diferentes comportamentos – bem como a maneira com que nos relacionamos com tais sistemas, aceitando, recusando ou questionando – serão todos determinantes na formação de nossas identidades. Assim como o processo de formação de identidades, nossas identificações também não são claras e equilibradas – podemos nos identificar em diferentes níveis: do muito ao muito pouco – e não se encaixam perfeitamente àquilo que já somos. Ao contrário, nossas identificações também podem ser contraditórias, e, ao não se enquadrarem com perfeição ao que acreditamos ser nossa identidade, também serão um catalisador dos constantes processos de deslocamento das nossas identidades. É uma prática de criação de significados, e como toda prática de criação de significados, obedece ao jogo, à lógica da *différence* – termo cunhado por Derrida, para descrever a inscrição das palavras dentro de um processo ambivalente de descrever e ao mesmo tempo ser descrito, não sendo possível assim a fixação de um significado único. Hall explica:

A identificação é, pois, um processo de articulação, uma suturação, uma sobredeterminação, e não uma subsunção. Há sempre 'demasiado' ou 'muito pouco' – uma sobredeterminação ou uma falta, mas nunca um ajuste completo, uma totalidade. Como todas as práticas de significação, ela está sujeita ao 'jogo' da *différence*. Ela obedece a lógica do mais-que-um. E uma vez que, como num processo, a identificação por meio da *différence*, ela envolve um processo discursivo, o fechamento e a marcação de fronteiras simbólicas, a produção de 'efeitos de fronteiras'. Para consolidar o processo, ela requer aquilo que é deixado de fora – o exterior que a constitui. (HALL, 2000, p. 106)

Os cursos de formação de professores de língua estrangeira podem ser caracterizados como um destes sistemas culturais de formação de identidade. O curso de Letras, não sendo um curso apenas de aperfeiçoamento, mas um curso de longa duração e de formação profissional, deveria permitir aos alunos não apenas “receber”

conhecimentos neutros, técnicos e científicos para o exercício posterior da profissão, mas passar por um processo de identificação tanto com a profissão, como com as diferentes perspectivas que orientarão seu trabalho posterior. A identificação com a profissão é fundamental para que o professor, identificando-se como professor, possa também comprometer-se, assumir posições e atuar politicamente a partir de perspectivas conscientemente assumidas.

Esta identificação é fundamental para o exercício da cidadania em diferentes posições. Como professores, é fundamental que nos percebamos como tais para poder atuar plenamente, questionando, agindo, assumindo posições e mudando suas posições com propriedade, ou seja, com clareza de que assumir uma ou outra posição é fazer escolhas que podem ser avaliadas e justificadas por quem as assume.

O contexto atual da educação brasileira é problemático: por um lado o governo emprega esforços para universalizar a educação levando a escola a todos². Por outro lado, muitos são os que, mesmo dentro da escola, continuam excluídos³. Isto tudo somado aos resultados muito insatisfatórios das avaliações nacionais e internacionais em diferentes níveis da educação e a um discurso de descontentamento geral, seja da parte dos professores, pais, alunos e da sociedade em geral. Dentro deste contexto, a identificação com a profissão é um estímulo fundamental para que se possa assumir para si também os problemas deste contexto e buscar melhoras. É preciso esta identificação para estudar a fundo, para além dos lugares comuns, o que se acredita de fato serem problemas, e quais seriam possíveis melhoras, bem como de que maneira alcançá-las. Sem a identificação profissional, não existe comprometimento pleno e genuíno com as causas da profissão.

Porém, grande parte dos atuais currículos de Letras não propicia tal identificação. Línguas, lingüística e literatura são tratadas como se fossem ciências naturais, claras, objetivas e desprovidas de valores, como se de fato os recortes e abordagens das ciências, e entenda-se aqui ciências exatas e naturais, fossem neutros e desprovidos de valores e não construções discursivas (Jordão, 2009; Tadei, 2000). A formação específica do professor é ignorada ou menosprezada, tratada à parte, com uma carga horária reduzida e sem interação com os conteúdos ditos “principais”, a lingüística e a literatura, aqueles que serão posteriormente o objeto de trabalho do professor. E durante as aulas dos conteúdos “principais”, é nítida uma abordagem que ignora (e ignorando, nega) a relação dos conteúdos com o universo educacional.

É irônico pensar que o campo para pesquisa formal nas áreas do grande grupo

² "O ensino médio não sabe o que fazer com a diversidade dos alunos. O dilema mais grave é preparar para o trabalho ou preparar para o curso superior, objetivos que competem seriamente"- *O Ensino Médio Congestionado* (Revista Veja, 02/05/2007).

³ "O medo da repetência leva o aluno de classe média a estudar. Nas famílias mais modestas não há medo nem pressão para o estudo." - *Aprovar quem não aprendeu?* (Revista Veja, 17/12/2008).

das Letras é extremamente restrito e ainda estes limitados cargos de pesquisa, em geral são condicionados à prática docente paralela, dentro das universidades. Enquanto aluna do curso de Letras, pude perceber que grande parte daqueles que estavam formando nossos professores (e que, portanto, são também professores) identificavam-se como pesquisadores e os alunos, professores em formação, identificavam-se como estudantes. A não identificação com a carreira docente daqueles que formam os jovens professores e organizam os currículos dos cursos de Letras leva a não identificação dos novos profissionais dentro de um ciclo vicioso.

Não é difícil fazer suposições sobre possíveis causas para esta não assunção da identidade de professor. Como vimos acima, as diferentes identidades se formam através da identificação ou não em diversos níveis com diferentes comportamentos. A identificação ou não, e os diferentes graus de identificação ocorrem de acordo com as representações que são veiculadas e os valores socialmente atribuídos a diferentes grupos sociais dentro destas diversas narrativas de representação. Os valores comumente atribuídos à profissão de professor ao longo destas grandes narrativas estão sempre ligados à bondade, generosidade, muita dedicação, idealismo e desprendimento material. Em estudo realizado por Saraí Patrícia Schmidt sobre as representações docentes na mídia, especialmente através das manchetes, fotografias e suas legendas, veiculadas por jornais e revistas de grande circulação, isto fica ainda mais evidente:

Nas inúmeras reportagens analisadas neste estudo encontramos por exemplo a narrativa da importância da afetividade no magistério. No já citado estudo de Costa e Silveira sobre a revista Nova Escola, as autoras chamam a atenção para o caráter persuasivo das imagens, construindo e reforçando a associação da profissão docente com a afetividade e domesticidade. Neste estudo sobre as fotos publicadas em três jornais brasileiros podemos evidenciar na maioria das imagens selecionadas esta mesma associação. (SCHMIDT, 2008: 13)

A imagem que se tem da profissão é a da doce professora dedicada que trabalha por amor e pouco recebe. A profissão é vista como um sacerdócio e esta grande narrativa tem reflexos sociais claros. Dentro de uma sociedade capitalista, bem vistas são as profissões cujas representações são as do profissional bem sucedido, ou seja, bem remunerado e/ou publicamente e individualmente reconhecido. Dentro de tal sociedade, as narrativas ligadas ao profissional da educação não propiciam o processo de identificação, uma vez que não descrevem aquilo que as pessoas almejam ser de acordo com o que se entende, em geral, por “sucesso”. Existe ainda outro complicador: tais narrativas, tais discursos enraizados nos conscientes e inconscientes coletivos não refletem uma experiência direta, mas mitos que se criaram em torno de idéias:

o meio mercantilizado e estereotipado da cultura de massa se constitui de representações e figuras de um grande drama mítico com o qual as audiências se identificam, é mais uma experiência de fantasia do que de auto-reconhecimento. (SOVIK in: HALL, 2006, p. 12)

Professores e professores em formação muitas vezes não se identificam com a profissão não pelo que a profissão de fato venha a ser, mas por uma experiência indireta e fantasiosa com as narrativas míticas em torno da profissão, assim como ocorrem com médicos e médicos em formação, que podem identificar-se com a profissão pelo discurso mítico vigente (o de, além de ter a mais nobre das profissões por “salvar vidas”, de ser muito bem remunerado), ou com alunos e professores de línguas estrangeiras que se identificam com determinadas línguas estrangeiras por conta de outras narrativas míticas que não correspondem necessariamente a uma realidade (como o francês como a “língua do amor”, o inglês como a “língua da modernidade”, etc) e assumem identidades externas com base não em uma identificação diretamente com a cultura, mas com uma experiência fantasiosa com o discurso criado especialmente pelos meios de comunicação de massa em torno destas culturas.

Como já dito, o processo de (não) formação da identidade dos profissionais de Letras como professores passa por um ciclo vicioso e pouco produtivo quando o assunto são mudanças educacionais. Mas tal círculo vicioso pode ser quebrado se começarmos a nos perceber como sujeitos ativos no processo da formação de nossas identidades e não apenas nos identificarmos com as representações impostas como se nos fossem um legado inquestionável.

Um dos momentos políticos mais significativos (...) é aquele em que os acontecimentos que são normalmente significados e decodificados de maneira negociada começam a ter uma leitura contestatária. Aqui se trava a “política de significação” - a luta no discurso. (HALL, 2006, p. 380)

A partir do momento que nossa identidade não se formar apenas com base em identificações, mas a partir de identificações que passam pela reflexão e pelo questionamento do porquê eu me identifico, seremos ainda mais hábeis para assumir identidades conscientemente e atuar politicamente de acordo com tal identificação. A melhor política identitária é uma educação reflexiva.

REFERÊNCIAS

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro : DP&A, 2005.

_____. Quem precisa de identidade?. In: SILVA, T. T. (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

HALL, S. Codificação / Decodificação. In: _____. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

JORDÃO, C.M. **ASSOMBRAÇÕES E ANJOS: imposição e resistência na construção de sentidos na sala de aula de literatura**. São Paulo, Blucher, 2009 (no prelo)

SOVIK, L. Para ler Stuart Hall. In: HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

SCHMIDT, S. Pa. Lições sobre a docência na mídia: entre professores inteligentes e professoras dedicadas e afetivas. In: <http://www.anped.org.br/reunioes/24/T0859155486896.doc>. Acesso em julho de 2008.

TADEI, R.R. **Conhecimento, Discurso e Educação: contribuições para a análise da educação sem a metafísica do racionalismo**. Dissertação de mestrado. São Paulo, USP, 2000.